



Morgadio da Quinta da Cerca.

João Lopes Figueira, Almada, 1610.

Nos arredores da muralha medieval construída para defesa da cidade de Almada situa-se na sua parte mais antiga uma parcela de terra onde, desde o século XVI, sabemos existir uma casa senhorial: a Quinta da Cerca, transformada em Centro de Arte Contemporânea desde 1993, sob tutela da Câmara Municipal de Almada.

A primeira referência à propriedade de que temos conhecimento remonta a 1582, na carta de doação "*pura e irrevogável*" (ADSTB, *1º Cartório Notarial de Almada*, Série 1, nº 3, cx. 4385, lv. 009, fl. 53-55), na qual João Lobo (m. 1586), provedor da Misericórdia de Almada (SOUSA, 2003, p. 112-113), transfere, juntamente com outros bens, os terrenos da Cerca para o seu sobrinho, João Lopes Figueira, na ausência de descendência direta. No momento da doação, é descrito o "*aposenho da cerca que está nesta vila de Almada (...) que são casas com seu pátio e cisterna*", composta por extensos pomares, olivais e vinhas, que dão sobre o "*mar da fonte da pipa*" (ADSTB, *1º Cartório Notarial de Almada*, Série 1, nº 3, cx. 4385, lv. 009, fl. 53v), outro elemento do património histórico da cidade que identificamos na zona ribeirinha. Do núcleo arquitetónico que compõe a Casa da Cerca, ao longo do tempo sujeito a consecutivos acrescentos e modificações, a cisterna na ala norte aparece como um dos elementos mais antigos deste espaço, indicador da relevância socioeconómica dos seus proprietários.

João Lopes Figueira, o agraciado, será o instituidor do morgadio da Quinta da Cerca, vinculado em testamento de 1610, no qual remete a sua posse para a "*memória de meus avós e tios que o fabricaram*" (ANTT, *Inventários Orfanológicos*, Letra D, nº 79, fl. 155), indicando a existência desta numa cronologia mais recuada.

A notoriedade da Quinta irá ser definitiva e solenemente reforçada ainda no testamento de João Lopes Figueira pela menção clara e explícita à visita e permanência dos "*reis deste reino*" na propriedade da Cerca. Os termos em que a deixa registada para sempre, nesse documento solene que marca a origem da vinculação na sua descendência, são bem expressivos da

importante notoriedade social que o instituidor, mesmo se abastado à partida, adquiriu pela proximidade régia:

“(…) quinta e aposento da Cerca em que ora vivo em Almada o qual é um aposento nobre em que estiveram os reis deste reino e havendo ocasião virão sempre a ele e por memória de meus avós e tios que o fabricaram e para honra daquele aposento o haver sido dos reis deste reino” (ANTT, Inventários Orfanológicos, Letra D, nº 79, fl. 155).

Tem-se confirmação, em outra documentação coeva, de pelo menos uma visita régia, ocorrida por acréscimo num contexto de grande relevo histórico. A descrição da viagem de Filipe I (r. 1581-1598) a Portugal, no ano de 1581, pelo Mestre Afonso Guerreiro, conta que depois de desembarcar em Cacilhas *“se foy ao seu aposento, que era nas casas de Joam Lobo”*, aí permanecendo durante uma quinzena (GUERREIRO, 1581, p. 16 *apud* VIEIRA, 1995, p. 30). Em carta endereçada às infantas, a 26 de junho, o monarca refere-lhes que *“de y una pieza alta, donde yo escribo, se vede una ventana todo lo más del largo de Lisboa”* (BOUZA, 1998, p. 43-44). Décadas mais tarde, o seu filho e herdeiro, Filipe II (r. 1598-1621), marcaria nova presença ao instalar-se juntamente com a sua comitiva em Almada, entre 26 de maio e 5 de junho de 1619 (SILVA, 1987, p. 286-287).

Na instituição do morgadio da Quinta da Cerca, João Lopes Figueira anexa ainda outros bens, nomeadamente a Quinta de Vale de Mourelas (então conhecida como “do Crasto”) e a Quinta de Loures, os quais deveriam ser herdados pelo seu filho, Vicente Figueira de Altero, sem que *“em tempo algum o pudesse vender, trocar nem escambar nem por outra maneira alhear”*, num conjunto patrimonial avaliado em 800.000 réis (ANTT, *Inventários Orfanológicos*, Letra D, nº 79, fl. 155; fl. 166v). No que respeita à sucessão do vínculo, o instituidor remete genericamente para as cláusulas do morgadio de Gaspar Moreira, irmão do seu sogro, Henrique Moreira, sendo, de facto, prática comum recorrer-se a documentos fundacionais anteriores e disponíveis no meio familiar, funcionando como modelos para a institucionalização de vínculos posteriores.

Perante a morte do primeiro administrador e único filho varão de João Lopes Figueira e Filipa Moreira, em 1624, sem descendência, o morgadio da Cerca recaí na sua irmã, Joana Lobo Pereira (m. 1650), casada com Cristóvão Mouzinho de Castelo Branco. Em finais de Seiscentos, Filipe Lopes Correia (m. 1736) assume a administração após a gestão dos bens pela mãe, Filipa de Castelo Branco (m. 1670), e perante o falecimento prematuro do seu herdeiro, Diogo Joaquim

de Sequeira (1708-1737), a sucessão residiu em favor do irmão, Simão de Sousa e Távora de Sequeira Correia (1711-1783).

Ponto de encontro entre História, Arte e Património, a Casa da Cerca mantém a sua envolvência primitiva, nas palavras de Mestre Afonso Guerreiro, *“sobre o mar, mui apropriada para a vista da Cidade, e das torres de Belém, e São Gião, e de todo o mar, até descobrir a boca da barra”* (GUERREIRO, 1581, p. 16 *apud* VIEIRA, 1995, p. 30). Nos dias de hoje, o Centro de Arte Contemporânea conjuga ainda a Ciência e a Ecologia no seu jardim botânico *O Chão das Artes*, num esforço de preservação das espécies, continuando a usufruir da paisagem outrora preenchida pelos pomares dos seus primeiros proprietários.

Joana Soares, Maria Beatriz Merêncio, Maria de Lurdes Rosa, Margarida Leme, Rui Mendes

Em colaboração com a Câmara Municipal de Almada

Coordenação: Rita Sampaio da Nóvoa

FONTES E BIBLIOGRAFIA

ARQUIVO DISTRITAL DE SETÚBAL – *1.º Cartório Notarial de Almada*, Série 1, nº 3, cx. 4385, lv. 009. Disponível em: <https://digitalq.adstb.arquivos.pt/details?id=1172305> [consultado a 22 de janeiro de 2022].

ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO – *Inventários Orfanológicos*, Letra D, nº 79.

BOUZA, Fernando (ed.) – *Cartas de Felipe II a sus hijas*, Madrid, Ediciones Akal, 1998.

GUERREIRO, Mestre Afonso – *[Relação] das festas que se fizeram na cidade de Lisboa, na entrada del Rey D. Philippe primeiro de Portugal*, Lisboa, 1581. Disponível em: <https://purl.pt/14685/3/#/1> [consultado a 22 de janeiro de 2022].

SILVA, Francisco Ribeiro da – “A viagem de Filipe III a Portugal: Itinerários e problemática”, in *Revista de Ciências Históricas*, II, 1987, pp. 223-260.

SOUSA, Raul Pereira de – *Almada: Toponímia e História*, Almada, Câmara Municipal de Almada, 2003, pp. 112-113.

VIEIRA, Aires dos Passos – *Almada no tempo dos Filipes, Administração, Sociedade, Economia e Cultura*, Almada, Câmara Municipal de Almada, 1995.